

Editorial

Carlos Farate

Este primeiro número de 2020 da *Revista Portuguesa de Psicanálise* (RPP) marca um momento, simultaneamente dramático e crucial, na prestigiada tradição de quase meio século de publicação da revista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e dos psicanalistas portugueses. E isto não tanto por ser o primeiro número do quadriénio em que serei editor da revista, em trabalho de equipa estreito com as minhas pares do Conselho Editorial, que podem identificar na ficha técnica deste número da revista, mas também, e sobretudo, por circunstâncias históricas internas e externas de enorme impacto psicanalítico e existencial. Começarei pelas últimas, que continuam a atingir o nosso «viver em comum» no momento mesmo em que escrevo este editorial: a gravíssima crise sociossanitária global que afecta a Humanidade a uma escala planetária nunca vista, pelo menos no nosso tempo de vida, já que a última, que passou à história como gripe «spanhola» (H1N1), e que provocou uma morbimortalidade trágica que prolongou, em 1918, a «razia» sangrenta da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), decorreu há precisamente um século. As circunstâncias internas são, definitivamente, de outra natureza, já que opõem à «destrutividade» *thanatica* vérica primitiva a construtividade revolucionária, marcada por *Eros*, não só da publicação da revista na data prevista, mas também, e sobretudo, da mudança editorial que marcará a RPP a partir do próximo número, essencialmente em plataforma *online* (OJS) de livre acesso, que «abrirá» um futuro expansivo que cumpre o mote deste quadriénio, *Traditio quod Motus*.

Por aí, a mensagem de saudação que a colega Luísa Branco Vicente, na sua qualidade de Presidente da SPP, nos dirige e que constitui um importante alento material e simbólico para a equipa editorial da RPP.

Assume, também, um significado particular que este número «abra» com uma entrevista a Maria Fernanda Alexandre, destacada psicanalista didacta, cuja história profissional se «entretice» com a história da SPP, e que nos fala não só do seu riquíssimo percurso psicanalítico, mas também da sua experiência recente como directora da nossa revista.

Maria Fernanda Alexandre oferece-nos, ainda, um artigo teórico-clínico claro e reflexivo sobre o papel das vicissitudes da comunicação emocional pré-verbal, e «invisível» aos sentidos e ao entendimento imediato de psicanalista e paciente, na qualidade da escuta analítica, realçando, muito em particular, o valor da análise contratransferencial do material intersubjectivo que circula, em identificação projectiva, entre os parceiros do encontro analítico, não raro em modo de *rêverie*, para a interpretação psicanalítica dessubjectivante e geradora de *insight* de conteúdos emocionais não pensáveis da mente do paciente.

Numa linha de pensamento complementar, Alberto Eguier, brilhante psicanalista e universitário de duplo *inscriptio* argentino, terra natal pessoal e psicanalítica, e francês, de ascendente cultural parisiense, dá-nos conta do debate epistemológico «bilingue» sobre aquilo que designa como o «mais além da contratransferência», mais precisamente do que Lowenstein designou de binómio contratransferência-transferência (CT-T), num campo dinâmico em que entrecruza as influências de Pichon-Rivière, Etchegoyen ou Racker e as referências a Lacan, Duparc ou Green, entre outros. Deste encontro dialógico, resulta um artigo que dá conta de um espírito curioso e inovador, que perlabora sobre o modo como as características pessoais e a robustez reflexiva do psicanalista influenciam o manejo ético e técnico dos aspetos perversos, sensuais e impotentes-prepotentes do agir, *in-setting* e *off-setting*, dos pacientes com funcionamento mental limitrofe, de índole regressiva e dissociativa. O comentário de Ana Marques Lito, discípula, seguidora e co-investigadora de Eguier, em particular no âmbito da psicanálise do casal e da família, em que este psicanalista é figura de referência internacional, valoriza a riqueza da exposição diacrítica sobre as modalidades de interpretação contratransferencial dos conteúdos perversos e sexuais agidos transferencialmente «ad latera», mas reconduzidos ao «núcleo» da intersubjectividade do par analítico.

Orlando von Doellinger, com a assertividade discursiva a que nos habituou, aborda um tema que lhe é caro, como objecto de interesse e investigação psicanalítica: a «plasticidade» da inscrição corpórea de «sinais» somatopsíquicos, cirúrgicos ou gravados/«esculpidos» na pele, a partir das fantasias inconscientes básicas propostas por A. Lemma («autoconstrução», «par ideal» e «reivindicação do corpo»). Fá-lo, neste artigo, com enfoque na elaboração transferencial-contratransferencial das dúvidas e incertezas da identidade sexual, que identifica nas vinhetas clínicas que são objecto de reflexão.

Também com o corpo como «pano de fundo», Rita Marta escreve um texto teórico-clínico reflexivo, interessante e fluente, sobre o lugar do corpo real-imaginado na relação analítica: o corpo como entidade psíquica, corporeidade do *setting* analítico, a fisicalidade da palavra na relação em duplo eixo, horizontal *Self*-Outro e vertical mente-corpo, do par analítico, o *setting* corpóreo em psicanálise à distância e, sobretudo, o manejo da T-CT corporificada em situações de transformação física, em particular, a gravidez da psicanalista.

Pelo seu lado, Elias Barreto e Ana Eduardo Ribeiro — o primeiro, candidato a psicanalista pela SPP, e a segunda, membro associado — publicam dois trabalhos particularmente interessantes, apresentados no âmbito de um Congresso Europeu IPSO, nos quais exploram, cada um à sua maneira, a relevância da psicanálise como área de conhecimento, disciplina científica e método psicoterapêutico originário, mas sempre actual, pela ligação aos movimentos culturais mais importantes das sociedades humanas, particularmente ocidentais. Assim, Ana Ribeiro propõe um diálogo crítico, curioso e bem informado, entre o método de associação livre, o conectivismo psicanalítico, a importância do onirismo e da interpretação dos sonhos e o movimento surrealista que marcou a cultura francesa e europeia até à década de setenta do século transacto. Já Elias Barreto, debate, com brio, as relações contraditórias, não raro inconciliáveis, entre a psicanálise e as ciências paradigmáticas, em particular aquelas que estão «alinhas» no mito da cientificidade empírica popperiana, no campo da filosofia das ciências, defendendo a relevância epistemológica da identidade psicanalítica.

No que diz respeito à recensão de obras literárias e audiovisuais com conteúdo psicanalítico, ou influenciadas, tácita ou explicitamente, pela psicanálise, Ana Catarina Duarte Silva propõe-nos a recensão do filme *Nunca Deixes de Olhar*, do realizador alemão Florian Henckel von Donnersmarck, através da narrativa crítica do seu «olhar» analítico, autêntico «trailer» psicanalítico que lemos com gosto e interesse; enquanto Isabel Quinta da Costa nos conduz pela recensão clara e bem sintetizada dos dez capítulos do livro *Observação de bebês – Método e aplicações*, coordenado pela psicanalista brasileira Neyla França, e em que as nossas colegas Ana Belchior Melícias e Henriqueta Martins integram uma pléiade de psicanalistas-mulheres que divulgam e vulgarizam o Método Esther Bick de observação de bebês. Em nota de «clótura», Isabel Quinta da Costa realça a importância da utilização do método nas unidades de saúde infantil e materno-infantil.

Finalmente, inauguramos, neste número de transição para um futuro sempre em devir, a novel secção «Temas em debate», inspirada nas *Psychoanalytic Controversies* publicadas em alguns números do histórico e prestigiado *The International Journal of Psychoanalysis*, e cujo formato beneficiará de adaptações em números seguintes. Rita Gameiro lançou aos nossos leitores o desafio de debaterem o tema «Os psicanalistas perante a inveja» e, de modo que me parece assaz interessante, duas colegas das jovens gerações psicanalíticas responderam à «chamada», reflectindo, de forma complementar, sobre as vicissitudes do sentimento de inveja na relação psicanalítica — Liliana Castro, candidata a psicanalista, pelo prisma do manejo contratransferencial, e Corina Fernandes, membro associado, na perspectiva das imergências, e emergências, transferenciais da inveja nos conteúdos emocionais partilhados por paciente e analista em sessão.

Faço votos de que a leitura deste número da revista interesse os nossos colegas psicanalistas e os clínicos, estudiosos e académicos curiosos, ou amantes, da «*res* psicanalítica», e, muito em particular, que sirva de «aperitivo» estimulante para a leitura do próximo número da «nova» RPP.

3 *Editorial*
Carlos Farate

6 *Saudação da Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise*
Luísa Branco Vicente

Entrevista

9 *Entrevista a Maria Fernanda Gonçalves Alexandre*
Edviges Espada Guerreiro
Maria da Conceição Simões

Artigo convidado – Teoria e Epistemologia

16 *Más allá de la contratransferencia*
Alberto Eguier

25 *Comentário ao artigo de Alberto Eguier*
«Mais além da contratransferencia»
Ana Marques Lito

Clínica Psicanalítica

29 *A escuta analítica e as suas vicissitudes*
Maria Fernanda Gonçalves Alexandre

35 *Modificações Corporais – Estética e (Re)Construção da Identidade no Processo Psicanalítico*
Orlando von Doellinger

42 *O analista tem corpo?*
Transformações do corpo em análise
Rita Marta

Ética e Educação Psicanalítica

53 *Associação livre, via régia para o Inconsciente*
Ana Eduardo Ribeiro

62 *A psicanálise debaixo de fogo e a construção da identidade analítica*
Elias Barreto

Temas em debate

68 *Os psicanalistas perante a inveja*
Introdução
Rita Gameiro
Contributos
Corina Fernandes
Liliana Castro

Recensões

70 *Nunca Deixes de Olhar*
Ana Catarina Duarte Silva

72 *Observação de Bebês*
Método e aplicações
Isabel Quinta da Costa